

LOGOS

- COMUNICAÇÃO & UNIVERSIDADE -

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UERJ

Ano 11 - n.º 21 - 2.º Semestre / 2004 ISSN 0104-9933

Comunicação e religiosidades

21

LOGOS

21

Comunicação e religiosidades

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/Rede Sirius/PROTAT

L832 Logos: comunicação e universidade. - Vol. 1, n. 1 (1990) - . -
Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação
Social, 1990 -

Semestral

ISSN 0104-9933

1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação -
Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia
- Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

CDU 007

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Reitor

NIVAL NUNES DE ALMEIDA

Vice-reitor

RONALDO MARTINS LAURIA

Sub-reitora de Graduação

RAQUEL MARQUES VILLARDI

Sub-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

ALBANITA VIANA DE OLIVEIRA

Sub-reitora de Extensão e Cultura

MARIA GEORGINA MUNIZ WASHINGTON

Diretor do Centro de Educação e Humanidades

MARICÉLIA BISPO PEREIRA

Faculdade de Comunicação Social

Diretor: JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA

Vice-diretor: HUGO RODOLFO LOVISOLO

Chefe do Departamento de Jornalismo

RICARDO DE HOLLANDA

Chefe do Departamento de Relações Públicas

DENISE DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA

Chefe do Departamento de Teoria da Comunicação

MÁRCIO SOUZA GONÇALVES

LOGOS - Ano 11, n. 21, 2º semestre de 2004

Logos: Comunicação & Universidade (ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos

e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

Editores: Prof. Dr. João Luís de Araújo Maia e Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira

Conselhos Editorial e Científico: Ricardo Ferreira Freitas (Presidente do Conselho Editorial), Luiz Felipe Baêta Neves (Presidente do Conselho Científico), Danielle Rocha Pitta (UFPE), Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre), Henri Pierre Jeudi (CNRS-França), Hérís Arnt (UERJ), Ismar de Oliveira Soares (USP), Luis Custódio da Silva (UFPB), Márcio Souza Gonçalves (UERJ), Michel Maffesoli (Paris V - Sorbonne), Nelly de Camargo (USP), Nízia Villaça (UFRJ), Patrick Tacussel (Université de Montpellier), Patrick Wattier (Université de Strassbourg), Paulo Pinheiro (UniRio), Robert Shields (Carleton University/Canadá), Ronaldo Helal (UERJ) e Alessandra Aldé (UERJ).

Editoração: Laboratório de Editoração Eletrônica (LED/FCS/UERJ)

Diagramação: Fabiana Antonini e Rita Alcantara

Capa: Adriana Melo

Informática: Franklin Loureiro

Revisão: João Maia (FCS/UERJ); Luciana Lorensonne e Marcelo F. Rodrigues (Comuns/UERJ).

Endereço para correspondência:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Comunicação Social

PPGC - Mestrado em Comunicação

Revista *Logos*

A/C Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira e Prof. Dr. João Maia

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10129, Bloco F

Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - Brasil. CEP: 20550-013

Tel.fax: (21) 2587-7829. E-mail: logos@uerj.br

Sumário

Apresentação

Comunicação e religiosidades

Erick Felinto

07

Artigos

Mídia e religião

A tecnoreligião e o sujeito pneumático no imaginário da cibercultura

Erick Felinto

12

Por “inspiración sensible” - estratégias jesuíticas de conversão

Eliane Cristina Deckman Fleck

31

A comunicabilidade antropofágica do Santo Daimes na Terra do Sol

Fernanda Carlos Borges

55

A cena enunciativa e o ethos dos pregadores no discurso das igrejas eletrônicas

Karla Regina Macena Pereira Patriota

70

As encenações do “televangelismo” como forma de entretenimento

Marco Souza

88

Conexões transdisciplinares

**Internet, imprensa e as eleições de 2002:
pautando notícias em tempo real** 107
Alessandra Aldé e Juliano Borges

**A juventude como valor contemporâneo:
Forever young** 133
Ieda Tucherman

**Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros
no Brasil e nos Estados Unidos** 150
Marcia Contins

**Mídia e religião: a “nova era” no
mercado editorial** 174
Fátima Regina Gomes Tavares e Joelma do Patrocínio Duarte

**Mídia, religião e política: a evangelização
da campanha presidencial** 185
Alexandre Brasil Fonseca

Resenha

Diferentes possibilidades da crueldade 208
Sônia Pedrosa

Orientação editorial 216

Apresentação

No alvorecer do século 21, a religião e os fenômenos religiosos continuam sendo um território quase desconhecido em nosso mapa dos estudos de comunicação. Mesmo em outros campos onde a religião já conquistou um espaço tradicional, como a sociologia e a antropologia, a situação não é muito melhor. Os estudos que abordam o tema ainda ocupam, de maneira geral, uma posição de certa marginalidade. A universidade e o domínio do pensamento teórico apresentam um comportamento quase que atávico em relação aos temas religiosos. Não é incomum que tais temas sejam encarados com desconfiança, e o pesquisador que a eles se dedica visto como alguém que secretamente professa algum dos credos objetos de seus estudos.

Esse temor em relação à reflexão sobre os fenômenos religiosos tem sua origem nos processos que, durante a modernidade, consagraram a separação definitiva entre ciência e superstição, entre o saber e a crença, entre o estado e a religião. A universidade e todas as outras instituições culturais de produção do conhecimento se secularizaram, deixando para trás o sombrio mundo da especulação metafísica e dos credos populares. Contudo, esse processo de transição não ocorreu sem traumas e percalços. A religião, os mitos, o imaginário não desa-

pareceram simplesmente do horizonte do conhecimento racional, mas antes parecem ter se “escondido” temporariamente nos interstícios da razão.

Com o declínio do projeto moderno, esses interstícios e brechas do saber secular se esgarçaram, permitindo que as potências culturais da imaginação eclodissem novamente com força total. É nesse sentido que podemos entender um aspecto fundamental das obras de muitos pensadores contemporâneos que alertam para a importância vital do imaginário e das pulsões religiosas em nosso tempo. Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli foram alguns dos principais arautos desse processo de revalorização do imaginário e da religião. É Maffesoli, por exemplo, quem adverte que mesmo em meio aos discursos de matriz iluminista, os mitos e a imaginação começam a eclodir com força total; *“para além dos vários dogmatismos que começam a perder o fôlego, a importância do imaginário é agora reconhecida, e muitos trabalhos mostraram como ele estruturava a socialidade básica”* (1984: 65).

Se a tese de Durand estiver correta, e os regimes do imaginário de fato precederem a estruturação do pensamento racional, então não deve surpreender que os mitos se encontrem em todos os domínios da vida social. Ainda mais em uma época na qual o tribunal contra o projeto da razão já foi constituído com tanta veemência por pensadores como Nietzsche e Foucault.

Talvez seja esse declínio da racionalidade moderna que explique, pelo menos em parte, o número cada vez maior de estudiosos que percebem a necessidade de levar a sério os fenômenos de natureza religiosa. Não precisamos fazer muito esforço para definir uma bibliografia básica, que vai de Derrida (2000, 2002) a Eco (2001), passando por Vattimo (1998, 2004), Girard (1999) e Latour (2002).

Não tenho dúvidas de que em nossa área de estudos, a comunicação, os temas religiosos irão merecer atenção cada vez maior dos pesquisadores. Isso não apenas devido ao fato de que diversas religiões e seitas têm proliferado em nossa pós-modernidade fazendo uso dos meios de comunicação de massa, mas também porque nossos discursos sobre os aparatos comunicacionais – televisão, rádio, internet, entre outros – sempre estiveram marcados por significativos vetores de irracionalidade. O estudo da forma como tais tecnologias têm sido recebidas no seio da cultura revela um peculiar “imaginário tecnológico” que associa os aparatos comunicacionais a fenômenos de natureza metafísica. Como entender, por exemplo, as variadas metáforas de origem religiosa que hoje impregnam os discursos sobre as novas tecnologias digitais (o ciberespaço como “nova Jerusalém Celestial”, o internauta como “anjo virtual”, o hipertexto como “texto sagrado”)?

No âmbito da Pós-graduação em Comunicação Social da UERJ, essas curiosas realidades culturais têm constituído um dos mais interessantes objetos de estudos do grupo *Comunicação e Tecnocultura: meios e imaginários tecnológicos*. Os estudos de comunicação já estabeleceram uma sólida tradição de análise das representações culturais de idéias como identidade ou beleza nos meios de comunicação. Contudo, poucos são os estudos que buscam investigar os modos como a cultura representa e imagina os próprios aparatos de comunicação. E nessa investigação do nosso “imaginário tecnológico”, os elementos de natureza religiosa certamente ocuparão lugar de destaque.

Nosso encontro com o problema religioso parece hoje ser um fato inescapável. A comunicação, como disciplina que estuda o campo das relações culturais tecnologicamente mediadas, não pode, de modo algum, subtrair-se a esse encontro. O retorno do religioso e do sagrado, quer o queiramos, quer não, parece um dado definitivo. Nessa cena onde o imaginário lentamente ocupa todas as posições que antes cabiam à razão, nossa tarefa deve ser a de manter um olhar atento e crítico – de modo a não permitir que o domínio absoluto da razão seja agora substituído por um absolutismo da imaginação. Nos estudos contidos neste volume, esperamos que o leitor encontre uma contribuição, ainda que modesta, a esse importante propósito.

Erick Felinto